

Paisagem de Arles com
Íris. «Uma pequena
cidade cercada de campos
cobertos de flores
amarelas e vermelhas;
parece um sonho japonês.
O motivo era belíssimo
e eu tive uma certa
dificuldade em captá-lo.»

WILLIAM A. H. BIRNIE

A Dolorosa Paixão de VINCENT VAN GOGH



Auto-retrato. «Não é
tarefa simples retratar
a si próprio. Há uma
procura de expressão
muito para além
daquilo que o
fotógrafo vê.»

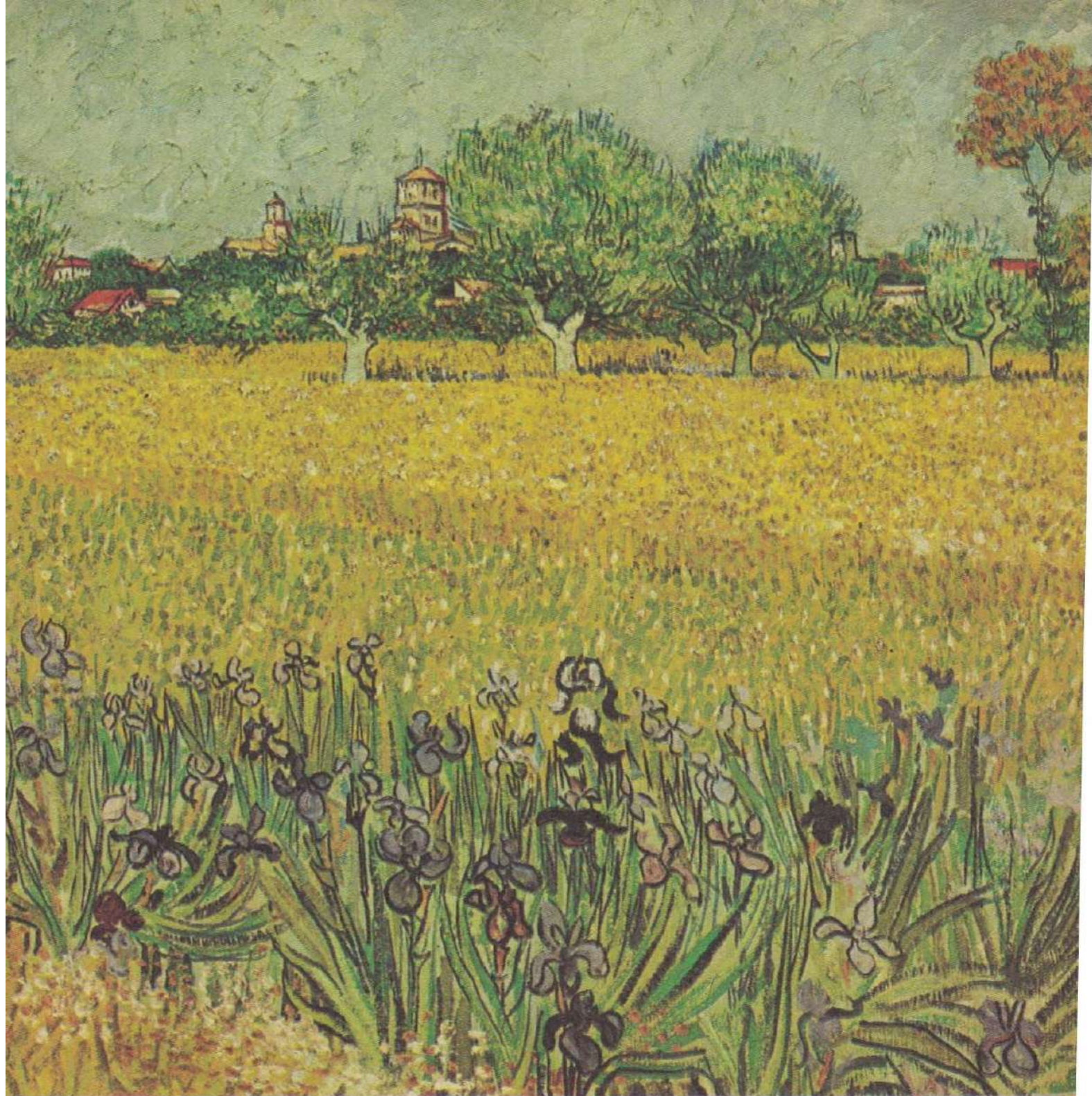
Mais de 80 anos após
a sua morte, a intensa e avassaladora
visão do artista consegue atingir
o mais íntimo do nosso ser

UMA EXPOSIÇÃO que durou
oito semanas no Museu
de Brooklyn, na prima-
vera de 1971, apresentando 114 pin-
turas e desenhos de Vincent van
Gogh, atraiu um público-recorde
de 250.000 pessoas. Perguntaram
ao então diretor do Museu, Thomas
S. Buechner, porque, na sua opinião,
tantos homens, mulheres e crianças

aguardaram pacientemente, em lon-
gas filas, como se se tratasse de um
jogo decisivo de campeonato. Pensa-
tivo, ele respondeu: «Porque esse
artista se tornou uma lenda... e por-
que a sua obra justifica essa lenda.»

Buechner continuou explicando:
«Imagine o drama de Van Gogh:
o pregador fanático torna-se artista
desajeitado, pintando paisagens





estranhas que ninguém compra, e finalmente se suicida. Calcule o seu impacto na história: a arte oficial do seu tempo não o aceitou, mas quase tudo o que ele fez é agora aceito, e os seus trabalhos talvez tenham sido reproduzidos mais que os de nenhum outro artista. Em resumo, reconhecemos afinal que as suas telas são tão fascinantes

quanto a sua vida — e pintadas tão espontaneamente que revelam imediatamente a magnitude da personalidade do seu autor.»

Dezenas de outros artistas mostraram maiores conhecimentos de desenho e de cores, dedicaram-se a temas mais atraentes (várias vezes Van Gogh pintou o seu velho par de sapatos e produziu nada menos



Berçouse. «*Conversas sobre os pescadores da Islândia e o seu triste isolamento, expostos a toda a sorte de perigos, deram-me a idéia de pintar um quadro de tal maneira que, ao vê-lo na cabina do seu navio, os marinheiros tivessem a sensação de estarem sendo embalados e se lembrassem então das suas próprias cantigas de ninar.*»

31

que 40 auto-retratos por falta de dinheiro para pagar modelos) e elaboraram composições mais audaciosas. Mas todos sentem que Van Gogh, o oposto do acadêmico frio, transportou para a tela toda a sua alma e o seu coração torturados. É esse envolvimento total que fala diretamente ao mundo moderno.

Embora Van Gogh só tenha conseguido vender uma das 1.600 ou mais pinturas e desenhos que produziu — e, assim mesmo, no último ano da sua vida, a um colega pintor, por 80 dólares — o seu quadro *Cipreste e Árvore em Flor* foi vendido em leilão por 1.300.000 dólares, em fevereiro de 1970. Este ano, quando o Governo holandês concluir o Museu Vincent van Gogh, de quatro andares, em Amsterdã, ele entrará para o pequeno rol dos artistas que possuem museus exclusivamente dedicados à sua obra.

Durante a sua fase criativa, que durou apenas 10 anos, Van Gogh remeteu a maior parte dos seus trabalhos para a única pessoa que acreditava nele — o compreensivo

Theo, seu irmão mais moço e protetor da sua arte. Esses quadros (uma seleção dos mais famosos aparecem neste artigo) foram doados recentemente ao Governo holandês pela Fundação Vincent van Gogh e pelo filho de Theo, um engenheiro aposentado, agora com

81 anos de idade, que recebeu o nome de Vincent em homenagem ao seu então desconhecido tio.

Embora Vincent, o sobrinho, fosse ainda muito criança nas poucas vezes que viu o pintor (e tinha um ano de idade quando seu pai morreu), o espírito de Van Gogh permeou a sua vida, primeiro através de histórias contadas por sua mãe e, depois,

dos próprios quadros. Uma das suas mais antigas recordações é de uma das primeiras obras-primas do seu tio, o sombrio grupo de camponeses jantando, intitulada *Os Comedores de Batatas*: durante anos ela esteve na sala de jantar dos Van Gogh. Ele escreve com muito carinho sobre o tio:

«Os retratos pintados por Vincent tiram a sua vida do fato de que ele



O Zuavo. «*É uma combinação selvagem de tons incongruentes difíceis de dominar. Ensina-me algo de novo, e, acima de tudo, é isto o que espero da minha arte.*»



Barcos na Praia,
Saintes-Maries-de-la-Mer.
«Os barquinhos verdes, vermelhos
e azuis têm cores e formatos tão lindos
que nos fazem pensar em flores.»



Ramo de Amendoeira em Flor.
«Preferia que Theo desse ao menino
o nome do Pai, ao invés do meu;
comecei a pintar um quadro para ele
pendurar na parede do seu quarto,
grandes ramos de alva amendoeira
em flor contra um céu azul.»

se considerava um trabalhador como aqueles que retratava. Fazia sempre o possível para descobrir o que havia de nobreza e dignidade nos seus modelos e para transmiti-lo. A visão que emana da sua obra inclui amor à humanidade, à vida em família, e um envolvimento íntimo com os seres humanos.

«A pintura deve ter sido para ele uma defesa contra o seu drama interior. Era como se ele quisesse dizer ao público: 'Vejam como é belo o meu mundo! Só o lado bom da humanidade me interessa.' Devem ter sido necessárias grande força de vontade e muita luta para vencer os seus sentimentos de angústia. Toda a sua resistência tinha de nascer dele próprio, pois quase nenhum apoio lhe vinha do mundo exterior. A magia que um tal esforço humano é capaz de exercer não tem fronteiras no espaço e no tempo.»*

Arte e religião foram sempre as obsessões de Van Gogh. Nascido em 1853, filho mais velho de um pastor protestante holandês, ele escreveria anos mais tarde: «Há algo de Rembrandt no Evangelho, e algo do Evangelho em Rembrandt.» Com 16 anos, começou a trabalhar para uma firma antiquada que negociava com objetos de arte, primeiro em Haia, depois em Londres e Paris. Decepcionado, aos 25 anos, tor-

nou-se pregador leigo numa desolada zona de mineração, no Sul da Bélgica. A miséria da região de tal modo o transtornou que ele começou a distribuir indiscriminadamente as suas roupas e comida. Alarmados, os seus superiores demitiram-no por «fanatismo excessivo».

Só então, aos 27 anos, começou Van Gogh a dedicar-se ao estudo da arte, na Bélgica e na Holanda. Durante algum tempo, viveu com Theo em Paris, onde partilhou de algumas idéias e brigou por outras com alguns dos principais impressionistas e pós-impressionistas da sua época. Em seguida, mudou-se para Arles, no Sul da França, onde pintou a maior parte dos seus quadros mais célebres.

Infelizmente, a esta explosão de energia criadora seguiu-se o primeiro esgotamento nervoso, originado, em parte, pela sua extrema pobreza e excesso de trabalho, e, em parte, provocado por uma discussão com o seu colega Paul Gauguin, que o visitava. (Pouco antes de ser internado, Van Gogh cortou parte da sua orelha direita e enviou-a a uma prostituta, que desmaiou ao abrir o pacotinho ensanguentado.)

Ainda doente, ele visitou Theo em Paris, na primavera de 1890, e depois mudou-se para Auvers-sur-Oise, nos arredores de Paris. Foi aí que, em julho do mesmo ano, aos 37 anos de idade, ele atirou no próprio peito, morrendo dois dias depois. Seu irmão

* Trecho da introdução escrita por V. W. van Gogh para o catálogo da exposição de Van Gogh, em 1970. Copyright V. W. van Gogh, Laren, Holanda.

Theo veio a falecer também, seis meses mais tarde, e os dois repousam atualmente, lado a lado, no alto de uma colina em Auvers.

Talvez nenhum artista tenha conseguido expressar com tal exatidão as idéias que buscava transmitir na sua obra como Vincent o fez nas suas cartas a Theo e a outros. Trechos das

cartas foram utilizados como legendas para os quadros que aqui reproduzimos. Certa vez, ele escreveu: «Durante 30 anos, andei pela Terra, e quero deixar uma lembrança em sinal de gratidão.»

Hoje, o mundo agradecido reconhece que ele cumpriu a sua palavra.

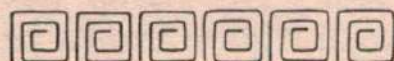


Ajudantes Mecânicos

PARA compensar a falta de mão-de-obra, os hospitais americanos estão autorizando cada vez mais a automação. Um exemplo é o Hospital Fairfax, em Falls Church, na Virgínia, onde 60 carros comandados através de fios enterrados no chão entregam refeições e medicamentos a doentes de seis andares. Eletronicamente, eles chamam o elevador e sobem. Recebendo ordens por meio de um painel de controle, indicam ao elevador o andar, saem e esperam que um contínuo os empurre para o local onde são precisos. O empregado devolve-os invertendo o controle para o porão. Ao chegar lá, esperam que as bandejas sejam removidas, seguem para uma máquina automática de lavar carros, onde são esterilizados, e voltam para buscar outra carga.

O hospital calcula que 16 pessoas, além dos carros, chamados Amcars, fazem agora o trabalho de 45 funcionários. Além de representar uma economia nos salários, o sistema já reduziu em cerca de uma hora o tempo despendido nas entregas e deve reembolsar o seu custo em poucos anos.

— Barry Kramer, *The Wall Street Journal*



UMA SENHORA que mora numa pequena cidade conta o caso de seu cão Airedale, muito importante, que gosta de fazer explorações. Ele tem uma coleira com o endereço e uma observação dizendo que ele gosta de passear e que quem o encontrar faça o favor de mandá-lo para casa de táxi. Um dia, sob uma tempestade violenta, a senhora foi apanhada no centro da cidade sem o carro, e tomou um ônibus que a deixou perto de casa, no meio da chuva. Subindo a ladeira, ofegante, no meio da lama, viu passar um táxi, e lá dentro, confortavelmente refestelado no assento traseiro, bem descansado e seco, o seu cachorro.

— P. T.